



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO.
ARTES CÊNICAS – HABILITAÇÃO EM DIREÇÃO TEATRAL.**

LUIZ ALDEBARAN FERREIRA DE OLIVEIRA.

**A EXCEÇÃO E A REGRA
Bertolt Brecht**

**RIO DE JANEIRO
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO.
ARTES CÊNICAS – HABILITAÇÃO EM DIREÇÃO TEATRAL.**

**A EXCEÇÃO E A REGRA
Bertolt Brecht**

Memorial de montagem entregue como requisito obrigatório
para a disciplina Projeto Experimental de Teatro 2015.2

Nome: Luiz Aldebaran Ferreira de Oliveira.

Professora Orientadora: Jacyan Castilho.

RIO DE JANEIRO
2016.

Sumário

Introdução	04
Objetivos	05
O Processo	06
Conclusão	09
Referências Bibliográficas	11
ANEXO	13

Introdução

Este memorial visa avaliar as experiências ocorridas durante a montagem de “A Exceção e a Regra”, como Projeto de Experimentação Teatral no segundo semestre letivo de 2015, sendo o espetáculo apresentado na XVI Mostra de Teatro da UFRJ, ocorrida em março de 2016.

“Três homens caminham há três dias, em círculos, dando a sensação de que não saem do mesmo lugar. Há muito cansaço e estresse. O clima é pesado e quase não há momentos de relaxamento entre os viajantes. O tom escurecido predomina nos personagens, reforçando a sujeira e o lado mais sombrio de cada um. Não houve tempo para higiene pessoal. Fedem. A exploração humana é embaraçosa. Há muitas bagagens desnecessárias, que são carregadas por apenas um deles, o que dificulta a locomoção. Todavia, através de castigos físicos e ameaças, a velocidade é aumentada. A opressão é aceita por uma submissão ocasionada pelo medo, pela necessidade de prover sustento para seus dependentes. A diferença da força física é gritante, mas o opressor, apesar de ser fisicamente mais fraco, detém o poder de coerção e violência, por ser rico e estar armado. Não obstante, esse contraste físico faz com que um medo cresça também no opressor. A tensão é originada.”

O intuito de relatar em meu projeto as imagens que eu visualizava das cenas da minha encenação de “A exceção e a regra” de Bertolt Brecht, foi uma tentativa de tornar visível minha concepção cênica desta peça primeiramente para mim. Foi através desta primeira imagem que pude concluir meu desejo de pesquisar sobre a escravidão contemporânea e ainda planejar o meu trabalho de pesquisa com o elenco.

Neste processo decidi seguir por caminhos nos quais não possuía experiência, mas que acreditava serem os melhores para esta montagem, como a adaptação do texto, o levantamento de material dramaturgico durante a fase de ensaios e ainda a construção de uma trilha sonora original. Todos esses desafios foram somados com nossos problemas de falta de espaço para ensaiar, formação da equipe, e o cronograma sendo interrompido por diversos feriados nacionais.

Contudo, o maior aprendizado que pude tirar deste processo é que o trabalho coletivo pode superar diversas limitações, quando conseguimos somar nossas forças e qualidades em prol de um objetivo único. O que traz muita esperança, não só pra minha futura profissão, mas como cidadão.

Objetivos a partir do projeto inicial:

Objetivo principal:

- Construir uma nova dramaturgia a partir de “A exceção e a regra”, originada do entrecruzamento da peça com o tema da escravidão contemporânea, fundamentada por um processo colaborativo.

Objetivos secundários:

- Preparar o elenco através de exercícios que explorassem o levantamento de dramaturgias pelo ator, baseado pelos subtemas da escravidão contemporânea: opressão, subordinação, exploração, entre outros.
- Criar uma trilha sonora original, através de uma releitura das canções propostas por Brecht, inspiradas no tema escravidão contemporânea.
- Utilizar a semiarena como espaço potencializador de diferentes camadas temporais criadas na encenação.

O Processo

O processo de construção do espetáculo partiu de um estudo teórico do texto e do tema escravidão contemporânea e ainda contou com um trabalho de pesquisa prática através de exercícios de improvisação visando o levantamento de dramaturgias literais e gestuais, a fim de responder questionamentos supracitados sobre o tema da escravidão contemporânea.

A dramaturgia de Brecht tinha uma estrutura que não me agradava. Os personagens como arquétipos limitavam o aprofundamento que os mesmos possuem; a divisão precisa em dois grandes momentos diminui drasticamente a tensão da peça. Contudo a potencia do enredo e a mensagem direta para os espectadores me fez aceitar o desafio de adaptá-lo.

A Peça didática é um jogo que se arma. Portanto precisamos para jogar, de jogadores, espaço, instrumentos... Um grupo de pessoas se forma com intenções claras ou a esclarecer. Porém intenções... O que reúne essencialmente um grupo de peça didática é a busca. Atitude que exige ser comum a todos os membros: a busca de perguntas comuns... Como ser bom numa sociedade de classes? E mais do que tudo, o que é ser bom numa sociedade onde homem não ajuda o homem? Postas essas perguntas em situações concretas, o grupo terá um eixo para iniciar suas experiências, mudando-o a partir de suas conveniências, ou melhor, interesses¹.

No texto de Lopes, percebemos que o objetivo didático do dramaturgo com essas peças não visava somente os espectadores, mas sim os artistas envolvidos na montagem do espetáculo; como cada participante da montagem poderia se transformar ao estudar o tema proposto na dramaturgia. E com isso, a peça proposta por Brecht servia mais como uma base para o diálogo da equipe, que poderia transformá-la de acordo com suas pesquisas. Tal perspectiva me confortou para que pudéssemos trabalhar o texto como uma matéria prima, desenvolvendo um novo texto a partir de nossas pesquisas na sala de ensaio, que seriam acompanhadas por um dramaturgista que seria responsável por dialogar com os atores e com a direção nos exercícios na sala de ensaio e coletar as informações geradas para propor uma nova dramaturgia, que seria testada aos poucos, até chegarmos na dramaturgia final.

Para realizar esta adaptação dramatúrgica, convidei o ex-aluno do curso de Direção Teatral da UFRJ, Renan Guedes, que deveria acompanhar o processo na sala de ensaio, propondo novas pesquisas dentro do tema e formatando a versão final da dramaturgia. Porém, na metade do processo, não conseguíamos chegar a um consenso sobre nossas visões sobre o espetáculo. Com isso, os atores Luciano Cachimbo e Luiz Paulo Barreto assumiram a

¹ LOPES, Joana. A encenação do didático, ou uma maneira de ser estética numa perspectiva didática. IN: BADER, Wolfgang. **Brecht no Brasil, experiências e influências**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P.110.

responsabilidade de adaptar a dramaturgia, pois já possuíam experiência como dramaturgos em outros processos e acompanharam todos os materiais que havíamos levantado até então.

Minha proposta de trabalho se baseou na escuta de toda a minha equipe. Com os atores foi extremamente aberto o nosso diálogo. Começamos pesquisando na sala de ensaio de maneira prática e teórica sobre a escravidão contemporânea tentando dialogar com um estudo do texto mais prático através de improvisações com base no mesmo. Nessas improvisações buscávamos ser afetados pelo estudo do tema. No entanto, durante as improvisações de análise ativa do texto compreendemos que história era mais complexa do que nos parecia no início do processo. Por isso, decidimos trocar o tema da escravidão contemporânea pelo tema da desumanização. Contudo, acredito ter sido fundamental a pesquisa sobre escravidão contemporânea, pois fortaleceu e potencializou a construção de cada personagem.

No início dos ensaios decidi não distribuir logo os personagens entre os atores. Testei todos os atores em todos os personagens; e deixei-os avisados que testaríamos a peça com todos os atores se revezando em todos os personagens. No entanto, o tempo apertado e a mudança de dramaturgo fizeram com que eu tivesse que tomar uma decisão. Com isso, resolvi não arriscar e escolher o caminho mais confiável, com a divisão dos personagens, onde dois atores duplicaram dois personagens. Com a nossa adaptação, inserimos um personagem que não estava no texto original, o advogado, para que pudéssemos controlar mais a dualidade da história durante o tribunal, e controlar o equilíbrio do julgamento. A personagem da mulher também nos possibilitou acertar com o que havia previsto no projeto. Para as cenas deste personagem era escolhida uma espectadora, que em todos os dias embarcaram na proposta cênica e responderam aos questionamentos dos atores em cena improvisando junto com estes.

Em meu projeto, previ a utilização do espaço em semiarena, pois vislumbrava a materialização das diferentes camadas temporais e espaciais, como a cena do o julgamento e a do deserto, buscando criar uma encenação mais dinâmica com as cenas acontecendo em partes diferentes da semiarena. Assim deslocaria o olhar do espectador: na parte frontal do palco, as cenas da viagem e as cenas de fatos “atuais”, aproveitando a distancia para a plateia; as cenas do tribunal aconteceriam na parte circular, onde a plataforma “entra” na plateia. No entanto, quando decidimos encenar as duas camadas temporais de maneira entrelaçada, isso fez com que a encenação ganhasse uma dinâmica maior que a prevista no projeto, por isso optamos para arena completa. Desta maneira, o objetivo de um diálogo direto com os espectadores se tornou ainda mais potente, pois a proximidade era maior do que seria na

semiarena, facilitando na inserção do público que foi provocado a emitir sua opinião durante a encenação.

Desde o projeto, sempre visualizei o deserto representado por um círculo onde os atores caminhavam incessantemente nas longas cenas de caminhada. Por isso introduzi este espaço desde as improvisações. Em um dos dias de levantamento da cena, onde eu propunha o círculo central como deserto, o cenógrafo Uirá Clemente que assistia o ensaio teve um a ideia de construirmos o tablado giratório. Tivemos muito receio no início, pois diversas questões começarem a aparecer com a ideia nova: será que nossa verba de R\$600 daria para custear o tablado e os outros elementos do cenário? Com qual material conseguiríamos confeccionar esse piso de maneira segura, mas dentro do nosso orçamento? Como faríamos pra que ele girasse? Quanto tempo demoraríamos para ter esse piso pronto? E a que mais me angustiava: quanto tempo de ensaio os atores teriam para se adaptar, principalmente aqueles que dialogavam diretamente com o tablado, fazendo-o girar ou se locomovendo em cima do mesmo enquanto este girava? Mesmo com todas as nossas inseguranças, resolvemos arriscar. O risco era grande, mas a ideia era extremamente atraente. É necessário registrar a importância de minha orientadora neste momento de dúvidas, que nos impulsionou a arriscar. A única alternativa para descobrirmos se daria certo. Assumimos o risco e decidimos que caso o tablado não funcionasse para girar deixaríamos parado, servindo apenas como um elemento cenográfico de demarcação do espaço do deserto. Com este elemento conseguimos potencializar diversas questões que haviam sido criadas na nossa sala de ensaio. Através dele, expusemos a exploração da classe mais baixa que é necessária para todo o sistema capitalista funcionar, sistema esse representado materialmente pelo tablado; representamos toda a falta de dialogo e conseqüente perda das personagens durante as cenas do deserto; o esforço que era empregado para movimentar a plataforma ajudava tanto na construção do ator que interpretava o carregador, quanto a plateia que presenciava um esforço mais verossímil.

Tivemos a felicidade em conseguir uma trilha sonora original com música do ator Luciano Cachimbo e o arranjo de Cyrano Sales, nosso diretor musical, que ainda ficou responsável pela preparação vocal dos atores. Como havíamos criado uma atmosfera completamente diferente da dramaturgia original e havíamos levantado muito material dramático não sentimos a necessidade em nos basear nas canções originais do texto. Com a trilha original tivemos uma ligação maior com adaptação do texto, não perdendo o foco da música ser um elemento de distanciamento e questionamento.

Conclusão

Quando escrevi meu projeto mencionei que a primeira palavra que me vinha à cabeça quando pensava em “A Exceção e a Regra” era indignação. A manipulação-opressão dos “poderosos” e a submissão dos menos favorecidos me incomodavam na peça. Pretendi investigar de que maneira essas forças se estabeleciam, como elas se complementavam e como estavam enraizadas na nossa sociedade. Após todos os escândalos políticos em que vivemos atualmente, onde corruptos poderosos se unem para golpear a democracia do nosso país, percebo o quanto esta montagem pode estar sendo rememorada por aqueles que assistiram. Vemos a ficção, infelizmente, se tornando realidade dentro de uma brutal injustiça que entrará para a história do nosso país. E, justamente, por isso, julgo ter sido importante “colocarmos essas questões na mesa”, ou seja, ter tido o privilégio de tentar inquietar no espectador de que maneira podemos transformar nossa sociedade, principalmente os aspectos negativos.

O teatro concebido por Brecht foi o tema que mais me encantou durante a faculdade, por ambicionar ir além do mero entretenimento, retirando o espectador da zona de conforto e colocando em uma posição atuante, reflexiva e julgadora.

...é necessário arrancar do espectador ao embrutecimento do papalvo fascinado pela aparência e conquistado pela empatia, que faz com que ele se identifique com as personagens em cena. Mostrar-se-lhe-á, portanto, um espetáculo estranho, inusual, um enigma cujo sentido ele deverá procurar. Deste modo força-lo-emos a trocar a posição de espectador passivo pela de alguém que conduz uma investigação ou uma experiência científica, alguém que observa os fenômenos e investiga as respectivas causas. Ou então propor-se-lhe-á um dilema exemplar, semelhante aos que se colocam os indivíduos empenhados em decisões de ação. Far-se-á, assim, com que aguace o seu próprio sentido de avaliação das razões, da respectiva discussão e da escolha radical.²

Não obstante, nem todo espetáculo consegue persuadir seu público a ser atuante, mesmo que não seja com ações concretas, mas fazendo-o se questionar. Contudo, ao final das apresentações tivemos um retorno de vários espectadores de uma maneira extremamente positiva. Muitos vieram nos trazer a vontade que tinham de se expressar ainda mais durante as cenas de injustiças que foram testemunhas durante a encenação. Senti um alívio, ao ver que conseguimos inquietar alguns espectadores, que tenham construído ponte com sua

² RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. P. 11

realidade e, principalmente, tenham saído com a impressão de que tudo é mutável em nossas vidas.

Outro alívio que sinto é ter percebido o quanto que minha equipe saiu transformada após esse processo. Deparamo-nos com diversas questões problemáticas na nossa sociedade e sempre os incitei a se questionarem antes de tudo, rever seus conceitos pessoais. A consequência disso foi um processo extremamente enriquecedor para todos, pois a cada ensaio trazíamos questionamentos que eram discutidos no coletivo. Julgo que só foi possível afetar nossos espectadores, pois já havíamos, a equipe, nos afetado mutuamente.

Todo o resultado que objetivamos com o espetáculo deve-se totalmente pelo trabalho coletivo que conseguimos empregar na comunhão de todos que compuseram essa equipe incrível durante todo o processo, mesmo aqueles que por diversos motivos não puderam continuar, deixaram suas contribuições no tempo em que estiveram presentes na montagem.

A indignação foi o grande motor que me moveu a montar este espetáculo. O que mais temos hoje em dia é motivo para ficarmos indignados. Tanta corrupção, tanta mentira, tanta violência, tanta discriminação. Apesar de saber que este sentimento seja comum a muitos brasileiros, o que mais me incomoda é o quanto somos acomodados com nossas indignações, como não conseguimos lutar para transformar nossa realidade. Acredito que esta montagem de “A Exceção e a Regra” tenha sido uma oportunidade de expressar nossas inquietudes como cidadãos e artistas.

Referências Bibliográficas

- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BOGART, Anne e LANDAU, Tina. **The Viewpoints Book**. New York: Theaatre Communications Group, 2005.
- BRASIL. **CÓDIGO PENAL**. 1940. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm> Acesso em 25/08/2015.
- BRECHT, Bertolt. A decisão: peça didática. In: BADER, Wolfgang; PEIXOTO, Fernando (Coord.). **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 03, 1988a. P. 233-266. Tradução de Ingrid Dormien Koudela.
- BRECHT, Bertolt. A exceção e a regra: peça didática. In: BADER, Wolfgang; PEIXOTO, Fernando (Coord.). **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 04, 1990. P. 129-160. Tradução de Geir Campos.
- BRECHT, Bertolt. A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo. In: BADER, Wolfgang; PEIXOTO, Fernando (Coord.). **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 03, 1988b. P. 187-211. Tradução de Fernando Peixoto.
- BRECHT, Bertolt. Aquele que diz sim e Aquele que diz não. In: BADER, Wolfgang; PEIXOTO, Fernando (Coord.). **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 03, 1988c. P. 213-232. Tradução de Luis Antônio Martinez Correia e 136 Marshall Netherland.
- COCKBURN, Andrew. **Escravos do século XXI**. Disponível em: <<https://exploracaodohomem.wordpress.com/>> Acesso em 01/09/2015.
- LO-BIANCO, Alessandro. **Fiscais encontram três chineses em situação de trabalho escravo em pastelarias do Rio**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/fiscais-encontram-tres-chineses-em-situacao-de-trabalho-escravo-em-pastelarias-do-rio-15903908>> Acesso em 23/09/2015.
- LOPES, Joana. A encenação do didático, ou uma maneira de ser estética numa perspectiva didática. IN: BADER, Wolfgang. **Brecht no Brasil, experiências e influências**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P. 107-118.
- KUSNET, Eugênio. **Ator e Método**. Rio de Janeiro: Serviço nacional de teatro, 1975.
- MELLO, Suzana Campos de Albuquerque. **A exceção e a regra de Bertolt Brecht ou a exceção como regra: Uma releitura**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 2009.
- MONTAGNARI, Eduardo Fernando. Brecht: Estranhamento e aprendizagem, IN **Revista JIOP** nº1, Departamento de Letras Editora, Universidade Estadual de Maringá 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
- REPÓRTER BRASIL. **Roupas da Zara são fabricadas com mão de obra escrava**. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2011/08/roupas-da-zara-sao-fabricadas-com->

[mao-de-obra-escrava/](#)> Acesso em 23/09/2015.

ROSENFELD, Anatol. **Brecht e o teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SOARES, Fagno da Silva. **Bibliografia comentada: Trabalho escravo no Brasil contemporâneo**. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/page/bibliografia-comentada-trabalho-escravo-contemporaneo>> Acesso em: 14/09/2015.

VALDECI, Schernovski. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em: <<http://advaldeci.jusbrasil.com.br/artigos/111749665/trabalho-escravo-contemporaneo>> Acesso em: 31/08/2015.

ANEXO

Ficha técnica

“A Exceção e a Regra”

Autor: Bertolt Brecht

Direção: Aldebaran Oliveira

Orientação: Jacyan Castilho

Assistência de direção: Camila Teixeira

Dramaturgistas: Luciano Cachimbo e Luiz Paulo Barreto

Elenco: André Sigom, Gabriel Pardella, Jonatas Henrique, Luciano Cachimbo e Pablo Pêgas

Cenografia: Uirá Clemente

Orientação de Cenografia: Andréa Renck

Figurino: Catharina Portella, Henrique Guimarães e Pedro Machado

Orientação de figurino: Desirée Bastos

Produção: Bruno Parisoto, Cecília Carvalho e Isabella Raposo

Preparação corporal: Marcelo Lima

Orientação de preparação corporal: Lígia Tourinho e Inês Galvão

Direção Musical: Cyrano Moreno Sales

Fotos: Mariana Saguias

Apresentações:

1, 2 e 3 de março de 2016.

20h – Sala Oduvaldo Vianna Filho (Vianninha)







